

CRISTIANISMO PLÁSTICO



"Que aflição os espera, mestres da lei e fariseus! Hipócritas! São como túmulos pintados de branco: bonitos por fora, mas cheios de ossos e de toda espécie de impureza por dentro. Por fora parecem justos, mas por dentro seu coração está cheio de hipocrisia e maldade." (Mateus 23.27-28 – NVT)

A narrativa a seguir, por mais surreal que pareça, é verdadeira. Uma californiana, chamada Caelie Wilkes, viralizou na *Internet* após

compartilhar a sua decepcionante experiência com uma planta. Tudo começou quando a norte-americana começou a cuidar de uma suculenta¹. Todos os dias ela checava a quantidade de luz solar, sempre que necessário lavava suas folhas, fazia a limpeza do vaso – que ficava na janela da sua cozinha – e garantia que a planta permanecesse sempre bem regada. *"Eu estava tão orgulhosa desta planta"*, escreveu no *Facebook*. *"Estava cheia, bonita, era uma planta perfeita"*. Caelie conta que gostava tanto do vegetal que ficava com ciúmes caso alguém tentasse regá-lo em seu lugar. Afinal, ela queria que a suculenta permanecesse sempre em perfeito estado. Após dois anos de intensos cuidados com a planta, Caelie decidiu transferir a suculenta para um vaso novo, mais bonito. Mas quando ela puxou a planta de sua embalagem original, percebeu algo surpreendente: Sua amada planta era na verdade uma réplica de plástico, colada em uma base de isopor com areia no topo. *"Fui tirá-la do recipiente de plástico original e soube que a planta era falsa. Coloquei tanto amor nessa planta! Lavei as folhas. Fiz o meu melhor para mantê-la bem e é completamente de plástico. Como eu não soube disso antes? Sinto que esses últimos dois anos foram uma mentira"*, desabafou na rede social.²

De certo modo, por analogia, é possível afirmarmos que fazemos parte de uma geração que "cultiva" um tipo de cristianismo "plástico": atrativo aos olhos, quase perfeito em suas propostas e ideologias, mas de plástico, sem vida, nada além de uma representação ideal daquilo que, por

¹ As plantas suculentas são um tipo de planta que retém muito líquido, por isso o nome "suculenta". São típicas do continente africano, mas podem ser facilmente encontradas também aqui no Brasil. Por reterem bastante líquido, as suculentas podem ficar dias expostas ao sol sem precisar de tanta água quanto outros tipos de plantas. Normalmente são confundidas com os cactos, mas não são a mesma coisa. Os cactos normalmente são reconhecidos pelos espinhos, mesmo que nem todas as espécies tenham, e as suculentas são mais reconhecidas pelas folhas mais "gordinhas", mesmo que algumas espécies tenham a aparência de cactos. Existem mais de 12 mil espécies de suculentas espalhadas pelo mundo.

² REVISTA GALILEU. Mulher viraliza ao descobrir que planta regada por 2 anos é de plástico. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Curiosidade/noticia/2020/03/mulher-viraliza-ao-descobrir-que-planta-regada-por-2-anos-e-de-plastico.html>>. Acesso em: 08/06/2020.

definição, deveria ser real. Assim como aconteceu com Caelie Wilkes e sua falsa planta, muitas vezes estamos diante um cristianismo sem vida, que apesar da aparência, não gera um ambiente propício para que haja compartilhamento de sonhos ou decepções, de alegrias ou tristezas, de conquistas ou derrotas. O cristianismo plástico tem como uma de suas características predominantes, o fato de permanecer estático e totalmente indiferente ao seu entorno e suas mais diversas implicações.

O isolamento social, provocado pela pandemia do vírus Covid-19, nos obrigou a permanecer em casa, convivendo com convivendo em geral com aqueles entes mais próximos: pais, irmãos, filhos, cônjuges.... Por essa razão, nos países afetados pela pandemia, o número de divórcios disparou durante a quarentena. Até a imposição do período de quarentena, a maioria dos cônjuges só encontrava tempo para se relacionar quando voltava do trabalho, ao fim do dia. Diante dessa nova situação, as pessoas casadas que fazem parte do grupo de pessoas impedidas de trabalhar, passaram a viver também o desafio da vida a dois em tempo integral. Dessa forma, as zonas de atrito entre os cônjuges se tornaram mais perceptíveis e as áreas “plásticas” da vida do casal ficaram expostas, revelando detalhes desagradáveis, até então não percebidos. Sintomas de uma sociedade plástica, assistida por um cristianismo também plástico, que permanece indiferente diante do aumento das dissoluções matrimoniais, mesmo entre aqueles que professam a fé evangélica. Tal cristianismo se mostra incapaz de perfumar o ambiente social no qual está inserido e de alterar a atmosfera fétida que preenche o seu entorno. Permanece estagnado, amumiado, muitas vezes se torna até involutivo.

O cristianismo plástico é fabricado ao gosto do freguês. Apesar da matéria-prima ser estática, sua estrutura é maleável, seu *modus operandi* é flexível, podendo ser moldado e adaptado para agradar aos olhos até mesmo dos religiosos mais exigentes. Ainda assim, é algo aparente, artificial, falso. Como na suculenta – objeto da nossa analogia – no cristianismo plástico não há vida em seu interior, não há substrato. Por fora pode até haver a exaltação da beleza e da performance. Mas tudo não passa de imagens artificiais, plastificadas, que nunca florescerão e nem produzirão frutos. Aí que mora um dos grandes problemas daqueles que se dizem religiosos: **não seremos reconhecidos por Deus pela nossa aparência, muito menos pela nossa performance. Para Deus, o que importa são os nossos frutos** (cf. Mateus 25.14-30).

O Senhor Jesus nos ensinou que *“é possível identificar a pessoa por seus frutos”* (Mateus 7.20 – NVT). Dessa forma, Deus não fica admirado com a nossa performance, ou com quaisquer outros tipos de produções humanas. **O interesse de Deus para conosco está em nosso coração**, pois, se por um lado *“do coração vêm maus pensamentos, homicídio, adultério, imoralidade sexual, roubo, mentiras e calúnias”* (Mateus 15.19 – NVT), por outro, também *“dele procedem as fontes da vida”* (Provérbios 4.23b – A21). É por esse motivo que encontramos nas Sagradas Escrituras a frase: *“Meu filho, dê-me seu coração; que seus olhos tenham prazer em seguir meus caminhos”* (Provérbios 23.26 – NVT).

As estruturas mórbidas do cristianismo plástico não é realidade apenas nos dias atuais. Na época em que Cristo exerceu Seu ministério na terra, elas já existiam. Talvez por isso o Senhor Jesus tenha dito que os religiosos do seu tempo *“são como túmulos pintados de branco: bonitos por fora, mas cheios de ossos e de toda espécie de impureza por dentro. Por fora parecem justos, mas por dentro seu coração está cheio de hipocrisia e maldade”* (Mateus 23.27-28 – NVT).

Na afirmação acima, o Senhor Jesus não faz referência aos túmulos lavrados em rocha, que eram utilizados principalmente pelas pessoas mais ricas, mas às sepulturas cobertas com estruturas de gesso e destinadas às pessoas de classe social mais baixa. Em geral, os cemitérios ficavam do lado de fora das cidades, porém, todo cadáver encontrado nos campos – ou às margens das estradas – deveria ser enterrado no local onde foi encontrado. Um peregrino que viesse comemorar a Páscoa, por exemplo, poderia, com facilidade, topor com um desses sepulcros na sua viagem e ficar impuro caso viesse a ter contato com ele (cf. Números 19.16). Portanto, se ordenava que todos os sepulcros deveriam ser lavados a ponto de brancura um mês antes da Páscoa, para que ficassem bem visíveis, e diminuíssem o risco de que os viajantes se contaminassem ao se encostarem neles³. A classe religiosa de Israel era tão preocupada com a aparência estética que, além de lavar os túmulos, aplicavam uma mistura de cal, água e geralmente cola, para reforçar o embranquecimento dos sepulcros⁴. O fato desta lavagem geral e impecável dos sepulcros estar em andamento na época em que o Senhor Jesus fez esta repreensão aos religiosos deu origem a esta comparação.

O que uma pessoa mostra, nem sempre é a verdade absoluta sobre ela. Pode ser uma das muitas partes que ela tem, pode ser até nenhuma. Muita gente mostra apenas o que convém aos outros, algumas vezes até fingem que as coisas são diferentes da realidade. As pessoas nem sempre são aquilo que mostram ser. É preciso ver além das aparências, entender que os sorrisos muitas vezes escondem segredos, e que nem todo segredo é algo bom. A maioria de nós não percebe – ou pelo menos não admite – que nossa natureza humana é mais propensa a enxergar as coisas de modo “plástico” do que se imagina. Foi o próprio Deus quem disse: *“O SENHOR não vê as coisas como o ser humano as vê. As pessoas julgam pela aparência exterior, mas o SENHOR olha para o coração”* (1Samuel 16.7 – NVT). O cristianismo plástico, ainda que belo, é ilusório. Possui aparência, mas sem essência. Pessoas que consomem as ideologias do cristianismo plástico costumam fingir que estão bem o tempo todo para evitar conflitos com outras pessoas. Estão a todo momento fingindo ser aquilo que não são, perfeitos, sem problemas, sem dores, sem nenhuma opção de serem criticados. Assumem tantos papéis na vida que acabam se perdendo entre aquilo que são e aquilo que fingem ser. Com o tempo, agem como meras caricaturas e deixam de ser quem são no coração de Deus. Se tornam em personagens de

³ VINCENT, Marvin Richardson. *Vincent: estudo no vocabulário grego do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Júnior e Marcelo Siqueira Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. Vol. 1 103-104 p.

⁴ ROBERTSON, Archibald Thomas. *Comentário Mateus & Marcos: à luz do Novo Testamento grego*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. 257-258 p.

um roteiro escrito por si mesmos. O problema é que **Deus não se relaciona com personagens, mas com pessoas**. Ele não cultiva seres humanos vegetais – ainda mais feitos de plástico.

Vivemos na era da tecnologia, onde tudo que fazemos é exibido em todas as redes sociais. Relacionamentos que parecem troféus, curtidas que parecem aplausos, tudo é uma questão de exibir, de mostrar ao mundo as nossas conquistas, mesmo que nem todas sejam verdadeiras. Na *Internet*, as pessoas costumam se mostrar felizes o tempo todo, exibem a vida como se fosse perfeita, cheia de sorrisos, cheia de momentos inesquecíveis. São milhares de compartilhamentos em redes sociais de pessoas sorrindo e contando como a vida tem sido bela e perfeita. Mas por trás das feições plásticas de cada uma delas, encontramos pessoas frustradas com a própria vida, fingindo que estão bem para agradar os outros. Sorrisos que não valem nada, pois, em seu interior estão todos repletos de ossos secos e de toda espécie de impureza (cf. Mateus 23.27). É preciso abrir os olhos para compreender que a nossa sociedade está doente por atenção e que muitas vezes nós, cristãos, alimentamos isso, pois acabamos nos conformando com essa realidade e nos tornamos produto do meio em que vivemos. **Precisamos parar de aceitar sorrisos falsos, precisamos parar de celebrar falsas verdades, precisamos assumir mais nossa humanidade e perceber que nem sempre ela é bela e perfeita.** Pelo contrário, precisamos assumir que, por vezes a nossa vida é uma réplica de plástico, colada em uma base de isopor com areia no topo, como a falsa suculenta pertencente à jovem Caelie Wilkes.

Sendo assim, como é possível romper com essa vida holográfica e descaracterizada de realidade? Como sair do cristianismo plástico e voltar ao cristianismo vivo e real? A resposta está em nos apresentarmos diante de Deus com verdade, sinceridade e, semelhantemente ao que fez o salmista Davi, suplicarmos: *“Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há em mim algo que te ofende e conduze-me pelo caminho eterno”* (Salmos 139.23-24 – NVT). Quando permitimos que Deus examine o nosso coração, sonde os nossos pensamentos e intenções, e nos conduza pelo caminho eterno, o resultado será que rios de água viva brotarão do nosso interior (cf. João 7.38), seremos verdadeiramente livres (cf. João 8.36) e, em virtude de Cristo, desfrutaremos de uma nova vida diante de Deus e dos homens (cf. Romanos 6.4).

Quando estamos verdadeiramente em Cristo (cf.), *“mostramos quem somos por nossa pureza, nosso entendimento, nossa paciência e nossa bondade, pelo Espírito Santo que vive em nós e por nosso amor sincero. Proclamamos a verdade fielmente, e o poder de Deus opera em nós (...). Servimos quer as pessoas nos honrem, quer nos desprezem, quer nos difamem, quer nos elogiem”* (2Coríntios 6.6-8a – NVT). Deixamos de nos levar pelas expectativas dos outros, paramos de fingir que as coisas estão bem quando estão ruins. Mostramos ao mundo nossas fragilidades e ensinamos que o poder de Deus se aperfeiçoa na fraqueza (cf. 2Coríntios 12.9). Como resultado, voltaremos a experimentar um cristianismo vivo, por meio do qual seremos *“capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus.*

Pois, assim como os sofrimentos de Cristo transbordam sobre nós, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2Coríntios 1.4-5 – A21).

Para finalizarmos, quando Caelie Wilkes descobriu que a sua planta era de plástico, ela a substituiu por uma suculenta verdadeira, real. Talvez falte a nós a mesma atitude: substituir o nosso cristianismo plástico por um cristianismo vivo e verdadeiro. Chega de vivermos apenas de aparências estéticas. **Não podemos mudar o “ontem”, mas podemos alterar o “amanhã”. Tudo depende do que fazemos com o tempo chamado “hoje”.** Sendo assim, façamos como o apóstolo Paulo que, por fazer parte de um cristianismo, vibrante e transformador, declarou: *“esquecendo-me do passado e olhando para o que está adiante, prossigo para o final da corrida, a fim de receber o prêmio celestial para o qual Deus nos chama em Cristo Jesus”* (Filipenses 3.13-14 – NVT).

Soli Deo Gloria.